

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

ADRIANE STRACK

MANEJO AMIGÁVEL DE FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

CURITIBANOS

2021

ADRIANE STRACK

MANEJO AMIGÁVEL DE FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Professora Dra. Marcy Lancia Pereira

CURITIBANOS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Strack, Adriane

Manejo amigável de felinos domésticos : Revisão de literatura / Adriane Strack ; orientador, Marcy Lancia Pereira, 2021.
45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2021.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Medicina Felina. 3. Manejo Amigável. 4. Práticas Cat Friendly. I. Lancia Pereira, Marcy . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Adriane Strack

MANEJO AMIGÁVEL DE FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária e julgado aprovado em defesa pública realizada em 14/05/2021.

Curitibanos, 14 de Maio de 2021.

Prof. Malcon Andrei Martínez-Pereira, DSc.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Marcy Lancia Pereira, Dr^a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Allana Valau Moreira, Especialista
Avaliadora
Universidade do Oeste Catarinense

Prof^a Sandra Arenhart, Dr^a.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a minha família, que não mediu esforços para que meu sonho se realizasse.
Amo vocês com todo meu coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por ter permitido a realização do sonho de me tornar Médica Veterinária. Só ele sabe o quanto sou grata pela oportunidade e pela vida!

Pai, Mãe vocês me ensinaram a não desistir e fazer sempre o melhor, sou muito grata por ter vocês comigo e por realizarmos juntos esse sonho. É por vocês que cheguei até aqui e busco me tornar cada dia uma pessoa melhor. Vocês são minha força e inspiração. Amo vocês!

Mana e Adilson eu não tenho palavras para agradecer todo o apoio, não só financeiro, mas psicológico também, o carinho e acolhimento nessa jornada da universidade, assim como em toda a minha vida. Sem vocês nada disso seria possível. Vocês simplesmente apostaram no meu sonho e ao meu lado fizeram ele acontecer. Podem contar comigo para todo o sempre. Amo vocês!

Fai, minha amiga, irmã, cunhada, advogada, consultora... e muitos outros adjetivos que poderia usar para tentar descrever nossa relação, mas nada seria suficiente, porque você é simplesmente um pedaço de mim. Nunca esquecerei que foi por você que comecei o curso, e se cheguei até aqui foi porque você estava de mãos dadas comigo o tempo todo. Te amo mais que vinho!

Nick meu bebê, obrigada por tudo, por me entender, apoiar, ajudar com resumo de aula hehe, me fazer rir, se preocupar comigo e estar sempre ao meu lado. Obrigada por ser simplesmente a melhor pessoa do mundo. Te Amo nessa e em todas as vidas!

Junior, obrigada por me incentivar a não desistir (mesmo que sem saber hehe). O presente que você me deu no início da faculdade, me ajudou a trilhar meu caminho e realizar meu sonho. Inclusive estou usando ele para escrever essas palavras, obrigada! Foi muito bom começar essa história ao seu lado, obrigada por fazer parte dela. Te amo!

Le, minha amiga e irmã do coração, lembra que foi você quem criou o email (que eu uso até hoje) para eu fazer o vestibular?! Quem diria que ele resistiria tanto e eu também hehe. Obrigada por me apoiar e estar junto comigo nessa jornada. Te amo!

Cleiton, obrigada por toda ajuda de sempre, (principalmente tecnológica hehe), pelas conversas e dicas. Você sempre foi uma migo de verdade. Te amo!

Um agradecimento especial a **Magali** e sua família, **Mel, Vini...** Vocês foram por quatro anos minha base em Curitiba. Agradeço pelos almoços de domingo, pelas conversas, pelos socorros hehe e principalmente por acreditarem em mim e serem minha segunda família. Amo vocês!

Agradeço a **Marcy**, que não foi somente minha orientadora, mas professora, amiga, vizinha, companheira de viagens e congressos, parceira de jantãs e da vida. Você é minha inspiração, quando crescer quero ser metade da mulher que você é. Obrigada por tudo. Te amo!

Agradeço também todos os **Amigos** que fiz durante essa longa trajetória, que teve início na

UniRitter em Porto Alegre, passou pela Unisul em Tubarão e terminou na UFSC em Curitiba. Durante esse período fiz muitas amizades que levo no coração e para vida toda. Aos amigos verdadeiros minha eterna gratidão!

A todos os **Mestres** que me acompanharam durante a graduação, minha eterna admiração! Principalmente **Sandra e Allana** que aceitaram estar comigo nesta última etapa do curso. Vocês são mais que professoras, são referência de profissionais!

Agradeço a **Clínica Santo Gato** (São José - SC), local onde foram tiradas as fotos deste trabalho, e a Médica Veterinária **Jamile Piucco**, por todo o apoio e carinho de sempre. Você é luz!

Por fim agradeço a todos os **Felinos** que passaram pela minha vida, especialmente meus filhos e afiliados (Pedrinho, Baby, Pituca, Mia, Nino, Tina, Mãezinha, Blue, BatCat, Yellow, Linda e Mitzie) por serem minha paixão e expiração. Obrigada por serem a melhor espécie!!!

*“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta. O que
ela quer da gente é coragem.”*

Guimarães Rosa

RESUMO

As práticas Cat Friendly foram criadas principalmente com o intuito de reduzir estresse, medo e dor nos felinos. Diminuir possíveis acidentes com a equipe médica e criar laços de confiança entre médico veterinário e tutor. Ao decorrer desta revisão bibliográfica irão ser abordadas as principais práticas de manejo amigável de felinos domésticos descritas na literatura e como estas podem ser realizadas. O manejo deve iniciar em casa pelo tutor, com instruções do seu médico veterinário de confiança, com técnicas para ensinar o felino a acostumar com manipulação, transporte e a ida à clínica, assim como as práticas que podem ser realizadas no ambiente hospitalar pela equipe veterinária, desde a chegada do felino até sua volta para casa. Com a realização dessa revisão de literatura foi possível concluir que com o emprego correto dessas práticas é possível reduzir o estresse e o medo nos felinos, melhorar o cuidado e bem-estar, aumentar a qualidade do serviço prestado assim como o número de atendimentos.

Palavras-chave: Medicina Felina, Manejo Felino, Práticas Cat Friendly.

ABSTRACT

Cat Friendly practices were created primarily with the aim of reducing stress, fear and pain in cats. Decrease possible accidents with the medical team and create bonds of trust between the veterinarian and tutor. During this bibliographic review, the main practices of friendly handling of domestic felines described in the literature and how they can be carried out will be addressed. Handling should start at home by the guardian, with instructions from your trusted veterinarian, with techniques to teach the feline how to get used to handling, transportation and going to the clinic, as well as the practices that can be performed in the hospital environment by the veterinary team, from the arrival of the feline to his return home. With this literature review, it was possible to conclude that with the correct use of these practices it is possible to reduce stress and fear in cats, improve care and well-being, increase the quality of the service provided as well as the number of visits.

Keywords: Feline Medicine, Feline Handling, Cat Friendly Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Logotipo Cat Friendly Clinic e Cat Friendly Practice®, 2012.....	15
Figura 2- Logotipo Atual Programa Cat Friendly Practice®.....	15
Figura 3- Logotipo Atual Programa Cat Friendly Clinic.....	15
Figura 4 – Felino Demonstrando Comportamento Agressivo.....	18
Figura 5 – Postura Corporal de Felinos com Medo ou Agressivo.....	19
Figura 6 – Sinais Faciais de Medo ou Agressividade.....	20
Figura 7 – Caixa de Transporte de Felinos no Carro.....	22
Figura 8 – Bancadas Elevadas na Recepção da Clínica para Colocação da Caixa de Transporte..	24
Figura 9 - Felino Saindo Sozinho da Caixa de Transporte no Consultório.....	25
Figura 10 – Felino na Balança Digital.....	26
Figura 11 - Contenção Com o Uso de Toalha para Colheita de Sangue da Veia Cefálica.....	30
Figura 12 - Contenção Com o Uso de Toalha para Colheita de Sangue da Veia Jugular.....	30
Figura 13 – Posicionamento para Colheita de Sangue da Veia Safena Medial.....	31
Figura 14 – Tricotomia para Colheita de Sangue com Máquina Pequena e Silenciosa.....	32
Figura 15 – Modelo de Gaiola Hospitalar para Felinos.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAFP	American Association of Feline Practitioners
AAHA	American Animal Hospital Association
CFP	Cat Friendly Practice®
FAB	Feline Advisory Bureau
FGS	Feline Grimace Scale
FR	Frequência Respiratória
IM	Intramuscular
ISFM	International Society of Feline Medicine
OVH	Ovariohisterectomia
PICs	Práticas Integrativas e Complementares
SC	Subcutânea
VO	Via Oral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETIVO.....	17
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1 COMPORTAMENTO FELINO.....	18
3.2 MANEJO AMIGÁVEL EM CASA E NA IDA À CLÍNICA.....	20
3.3 PRINCIPAIS PRÁTICAS DE MANEJO AMIGÁVEL NA CLÍNICA.....	22
3.3.1 Manejo Amigável na Recepção da Clínica.....	23
3.3.2 Manejo Amigável no Consultório.....	24
3.3.3 Manejo Amigável Durante o Exame Físico.....	26
3.3.3.1 <i>Contenção Física.....</i>	27
3.3.3.2 <i>Contenção Química.....</i>	28
3.3.4 Manejo Amigável Durante a Colheita de Material Biológico.....	29
3.3.5 Manejo Amigável Durante a Internação.....	33
3.3.6 Práticas Integrativas e Complementares.....	36
3.4 MANEJO AMIGÁVEL NA VOLTA PARA CASA.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

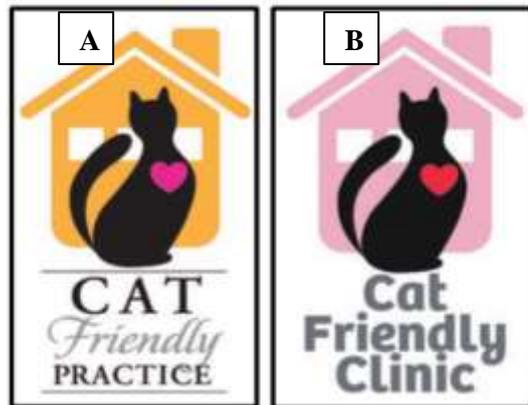
Há muito tempo se conhece a expressão “o gato não é um cão pequeno”, mas sua importância muitas vezes é negligenciada na medicina veterinária, já que muitas vezes o profissional deixa de buscar compreender o comportamento e as necessidades desta espécie tão peculiar (SPARKES, 2013). Além disso, um número considerável de profissionais não se sente confortável ou não tem preferência em atender pacientes felinos (CARNEY *et al.*, 2012).

Sabe-se que em vários países, o número de felinos domésticos (*Felis catus*) já ultrapassa o número de cães (*Canis familiaris*), mas mesmo assim eles ficam atrás dos cães quando o assunto é visita ao médico veterinário (BURNS, 2010; SPARKES; MANLEY, 2012; SPARKES, 2013). Isso decorre dos aspectos desagradáveis que envolvem a visita do felino à clínica veterinária, o que angustia o tutor, que passa a acreditar que a experiência traumática é mais prejudicial à saúde do gato do que a falta de cuidados veterinários (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Pensando nisso, a Feline Advisory Bureau (FAB), uma organização sem fins lucrativos, ligada à International Society of Feline Medicine (ISFM) dedicada a melhorar o bem-estar e a saúde felina, criou em 2006 um concurso no Reino Unido chamada Cat Friendly Practice. A FAB distribuía materiais educacionais relacionados a Cat Friendly Practice (práticas amigas dos gatos), e durante o decorrer de dois anos visitou todas as clínicas que participaram da campanha, resultando em mais de 50 prêmios “Cat Friendly Practice”. A campanha ficou reconhecida mundialmente e obteve um enorme sucesso (SPARKES; MANLEY, 2012; SPARKES, 2013).

Desta forma, em 2012, foram criados dois programas, Cat Friendly Clinic (Figura 1 B) pela ISFM e o Cat Friendly Practice® (Figura 1A) pela American Association of Feline Practitioners (AAFP). Inicialmente as organizações criaram logotipos semelhantes (Figura 1), o que reflete a parceria que existe entre as duas organizações (SPARKES; MANLEY, 2012). Ambos os programas visam a atender as necessidades dos pacientes felinos buscando melhorar a saúde e bem-estar, com o compromisso de tratar o paciente de forma individualizada, com práticas amigáveis e respeito, por meio de implementação de técnicas para o manuseio de felinos e melhorias no ambiente hospitalar, de forma a diminuir o estresse da ida ao veterinário tanto para o paciente quanto para o tutor, incentivando-o a levar seus felinos sem medo as clínicas veterinárias. Ainda, também busca-se proporcionar ao médico veterinário e sua equipe segurança e confiança ao atender um paciente felino (BURNS, 2010; SPARKES; RODAN *et al.*, 2011; MANLEY, 2012; SPARKES, 2013; MONROE-ALDRIDGE, 2019).

Figura 1 - Logotipo Cat Friendly Clinic e Cat Friendly Practice®, 2012.



Fonte: SPARKES; MANLEY, 2012

O AAFP é responsável pela realização do programa Cat Friendly Practice® nas Américas do Norte e Sul (Figura 2), enquanto o ISFM responde pelo programa Cat Clinic Friendly na Europa, Oceania, Ásia e África (Figura 3) (MONROE-ALDRIDGE, 2019; BEZERRA, 2021).

Figura 2 - Logotipo Atual Programa Cat Friendly Practice®.



Fonte: AAFP, 2021

Figura 3 - Logotipo Atual Programa Cat Friendly Clinic.



Fonte: ISFM, 2021

Os programas são realizados no mundo todo, e ambas instituições podem classificar e

certificar as clínicas parceiras com o selo Silver (prata) ou Gold (ouro). Porém, para receber o selo são avaliados alguns fatores como a estrutura física da clínica, por exemplo: sala de espera e consultórios separados para felinos, enfermaria de internação separada para cães e gatos e que minimize os riscos de contaminação cruzada entre os felinos, entre outras características, além de treinamento da equipe (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; SPARKES, 2013) e a necessidade de que pelo menos um médico veterinário seja membro da associação correspondente (MONROE-ALDRIDGE, 2019).

Após a clínica passar pela avaliação e posterior aprovação do programa, elas recebem o selo equivalente e materiais de marketing que comprovam a participação no programa (SPARKES, A. MANLEY, 2012). É realizada uma nova avaliação a cada dois anos, para garantir que os critérios ainda sejam atendidos, assim como pequenas modificações para se enquadrar às novas recomendações, se necessárias (SPARKES, 2013).

Geralmente, a taxa de satisfação dos participantes do programa é alta, incluindo aumento no número de consultas, menos acidentes na clínica e uma maior confiança do tutor (TENNYSON; BRUNT; NAHAMA 2012; MONROE-ALDRIDGE, 2019).

De qualquer forma, mesmo não sendo credenciado aos programas em questão, o médico veterinário que atende felinos pode e deve implementar algumas estratégias e práticas simples de manejo amigável, ligadas ao bem-estar do felino, agindo com calma, tranquilidade e, acima de tudo, respeitando as individualidades de cada paciente, buscando assim uma medicina veterinária de excelência.

2. OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo geral apontar as principais práticas de manejo amigável de felinos domésticos descritas na literatura, por meio de uma revisão bibliográfica.

Como objetivos específicos, pretende-se destacar como a realização destas práticas pode ser usada no dia a dia da clínica médica felina, facilitando o trabalho do médico veterinário e sua equipe, visando ao bem-estar do paciente desde a saída de casa até os cuidados pós hospitalares realizados pelo tutor no ambiente doméstico, sempre buscando compreender o comportamento felino, reduzir o estresse e oferecer uma melhor qualidade de vida ao seu paciente.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 COMPORTAMENTO FELINO

Os felinos descendem de um ancestral territorial solitário e mesmo que, a domesticação e o contato intenso com humanos tenham reduzido essa tendência herdada, eles ainda confiam mais na segurança e proteção do seu ambiente doméstico físico do que em relações com pessoas ou outros animais (RODA, 2016; BRADSHAW, 2018).

Quando os felinos não se sentem seguros e protegidos, exibem comportamentos relacionados ao estresse como medo ou agressão. Desta forma, o efeito fisiológico do estresse pode dificultar o atendimento veterinário e prejudicar o tratamento ou a recuperação da doença (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; HERTEL, 2020).

Segundo as diretrizes de comportamento felino da *American Association of Feline Practitioners* (AAFP) problemas de comportamento são a causa mais comum de eutanásia em gatos, incluindo comportamento normal do felino que os tutores julgam inaceitáveis. Desta forma, compreender o comportamento natural dos felinos, é importante para diferenciar quando se trata de comportamento problemático ou não, impedindo assim uma agressão (OVERALL *et al.*, 2005).

Comportamento normal dos felinos domésticos compreende caçar, escalar, pular, arranhar, vocalizar entre outros (LEY; SEKSEL, 2016).

Os felinos demonstram estresse, apreensão ou medo através da linguagem corporal (Figura 4), como olhos arregalados, mudanças no diâmetro da pupila, posição da orelha, expressão facial, postura corporal, e movimento da cauda (BOWEN; HEATH, 2005, apud RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Figura 4 - Felino Demonstrando Comportamento Agressivo.

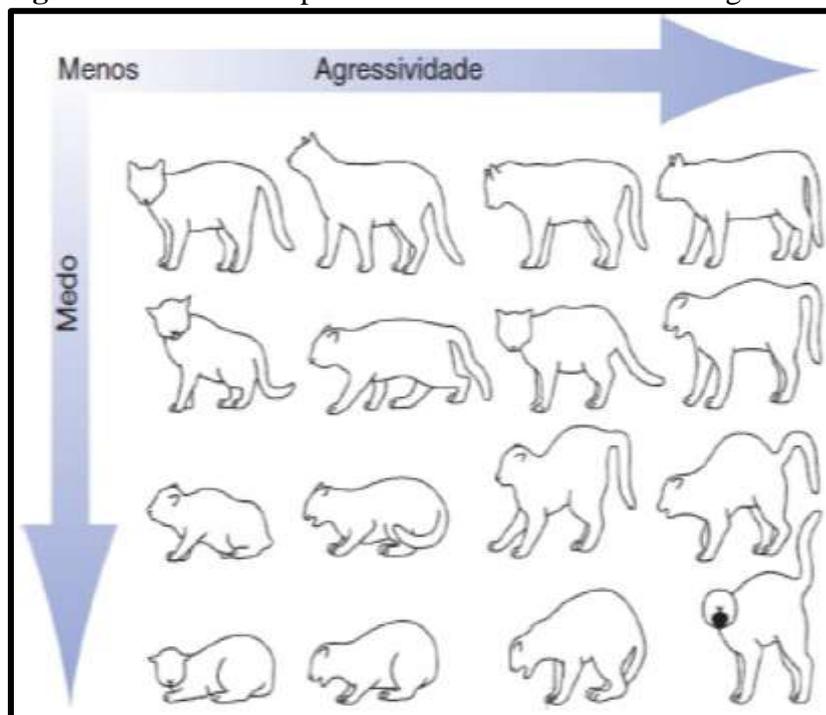


Fonte: RODAN *et al.*, 2011

Em situações de estresse, alguns gatos demonstram comportamento de luta, como morder, arranhar, vocalizar (miar, rosnar e fazer o famoso “fuu”), outros fogem, outros congelam, se tornando imóveis e silenciosos (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016) e outros ainda podem desenvolver problemas comportamentais como tricotilomania ou alopecia psicogênica felina, (SOUSA, 2004; CARNEY *et al.*, 2012). Em todas as situações, o gato demonstra que está ansioso, desconfortável e/ou com medo, porém, diferenciar esses comportamentos daqueles associados à dor pode ser uma tarefa difícil (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016).

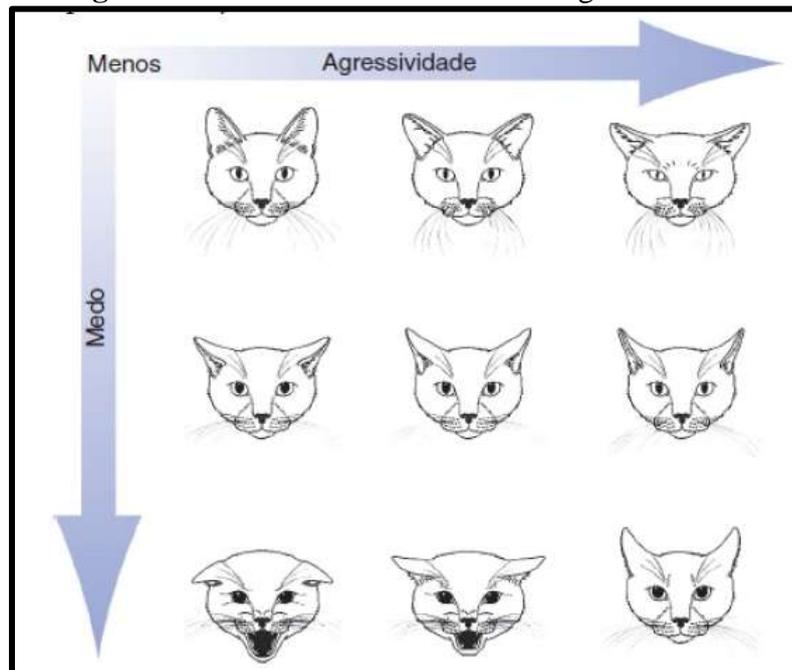
Conversa alta, manuseio equivocado, agitação e movimentos bruscos podem assustar o gato, causando ansiedade, estresse e medo, sendo este último o principal motivo pelo qual o gato é agressivo durante sua permanência na clínica veterinária. Aprender a reconhecer precocemente sinais de medo e agressividade (Figuras 5 e 6) permite à equipe tomar medidas para reduzir, ou impedir que o medo se torne uma agressão, o que é de suma importância, pois garantirá uma maior segurança tanto para o felino, quanto para a equipe veterinária (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; THAYER, 2016; HERTEL, 2020; GERALDO Jr, 2021).

Figura 5 - Postura Corporal de Felinos com Medo ou Agressivo.



Fonte: RODAN, 2016

Figura 6 - Sinais Faciais de Medo ou Agressividade.



Fonte: RODAN, 2016

3.2 MANEJO AMIGÁVEL EM CASA E NA IDA À CLÍNICA

Por serem animais solitários, os felinos não demonstram comportamento naturalmente social, o que leva a se sentirem ameaçados e vulneráveis quando removidos de seu território (SPARKES, 2013).

Desta forma, as práticas de manejo amigável devem iniciar pelo tutor ainda em casa. O médico veterinário pode informar o tutor da importância de acostumar o felino a ser manuseado, principalmente filhotes, o que irá preparar o gato para futuras experiências veterinárias positivas (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; MONROE-ALDRIDGE, 2019; HERTEL, 2020) O médico veterinário pode instruir o tutor de como acostumar o animal em casa para procedimentos e exames clínicos, como, por exemplo manusear pernas e o corpo (exame físico), dos membros (corte de unha), orelhas (exames otológicos), abrir a boca (exames orais e/ou administração de medicamentos), sempre realizando de forma calma e delicada e usando de reforço positivo, como, por exemplo petiscos, brincadeira ou catnip (*Nepeta cataria*) (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016).

Outra prática importante que pode ser realizada em casa pelo tutor é encorajar o gato que não está acostumado a sair de casa a entrar sozinho na caixinha de transporte, usando sempre de reforço positivo para incentivá-lo a entrar. O objetivo é que felino associe a caixa de transporte com experiências positivas. Por esse motivo não se deve forçá-lo a entrar. Desta

forma, o profissional deve indicar ao tutor para mantê-la como parte do ambiente doméstico, dispondo de cobertores, alimentos ou brinquedos dentro da caixa, o que pode ser atrativo para o gato (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; GERALDO Jr, 2021).

Ele deve instruir o tutor sobre a escolha da caixa de transporte, a qual deve ser resistente, estável e de fácil manejo. O design com a parte superior removível é a melhor opção para gatos com medo ou agressivos que não queiram sair por conta própria, assim como para gatos debilitados, com dor ou com mobilidade reduzida, além do que examinar o paciente na parte inferior da caixa de transporte pode ser menos estressante e assustador para ele (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016).

Ainda, deve orientá-lo a levar os felinos para eventuais passeios de carro, podendo diminuir a tensão da ida à clínica quando necessário. Ele pode fazer o caminho até a clínica e realizar visitas, para apresentar o felino a esta prática, sempre recompensando o comportamento desejado. Importante também levar junto ao felino na caixa de transporte algum item familiar, como cobertores ou brinquedos. O uso de Feromônio Facial Felino Sintético também é recomendado para casos em que o felino não queira entrar na caixa: borrifar na caixa trinta minutos antes pode ajudar a acalmar o gato (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Importante também pensar sobre o transporte até a clínica, de uma maneira que não gere estresse para o felino. Pois, como já citado, o transporte pode ser muito estressante, o que afetará os parâmetros fisiológicos do animal, dificultando a consulta e possivelmente o diagnóstico (CARNEY *et al.*, 2012; HERTEL, 2020).

Alguns gatos são curiosos e gostam de enxergar pela caixa, outros não, por esse motivo colocar uma toalha, ou cobertor com o odor do gato ao redor da caixinha de transporte é uma boa opção, pois impedirá a perturbação visual. O felino se sentirá mais seguro, pois essa prática transmite ao gato a sensação de esconderijo e consequente proteção (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Durante o caminho, a caixa deve ser colocada no chão do carro, de uma maneira que fique firme, ou presa no banco com o cinto de segurança (Figura 7), pois evitará que a caixa fique em movimento, o que pode deixar o gato assustado (RODAN *et al.*, 2011; GERALDO Jr, 2021).

Figura 7 - Caixa de Transporte de Felinos no Carro.



Fonte: Autor, 2021.

Em casos de animais muito medrosos ou agressivos, pode ser útil instruir o tutor a fornecer medicação oral antes da consulta. O uso de benzodiazepínico, por exemplo alprazolam, é usado como ansiolítico e possível amnésico (RODAN *et al.*, 2011), sendo rapidamente absorvido (TEIXEIRA, 2009).

Felinos que apresentam náusea ou êmese induzida pelo movimento do carro, podem receber como prevenção medicações antieméticas, como, por exemplo maropitant. Estudos demonstraram que esse medicamento é altamente eficaz, seguro, bem tolerado pelos felinos e possui excelente propriedade antiemética nesta espécie (HICKMAN *et al.*, 2008; SEDLACEK *et al.*, 2008).

Outro medicamento utilizado pelos médicos veterinários, visando a controlar o estresse durante o atendimento, é a gabapentina. Estudos comprovam o benefício desse psicofármaco, que pode ser administrado pelo tutor ainda em casa, uma a duas horas antes da consulta (SIAO; PYPENDOP; IIKIW, 2010; PANKRATZ *et al.*, 2017).

Em casos que não seja possível controlar o estresse, e não se trata de uma emergência, o reagendamento da consulta pode ser a melhor opção (GERALDO Jr, 2021).

3.3 PRINCIPAIS PRÁTICAS DE MANEJO AMIGÁVEL NA CLÍNICA

Para os felinos, muitos são os fatores estressantes em clínicas veterinárias, como, por exemplo animais e humanos diferentes, sons diversos; cheiros e odores, e principalmente a ansiedade adicional de um local desconhecido e da rotina totalmente diferente do habitual (CARNEY *et al.*, 2012; MONROE-ALDRIDGE, 2019).

Desta forma é importante entender as características e necessidades de cada paciente, e usar de uma abordagem personalizada para cada um.

Uma prática simples, mas muito importante, deve ser a lavagem dos ambientes da clínica com sabão ou sabonete desinfetante para remover proteínas e gorduras, as quais fazem parte da composição dos feromônios de alarme, liberados pelos felinos através de sinais olfatórios. Limpar superfícies, lavar as mãos, ventilar o ambiente, remover pêlos após o atendimento de cada paciente e, se possível, trocar o jaleco, são práticas simples, mas muito importantes (RODAN *et al.*, 2011, RODAN, 2016).

O uso de difusor contendo Feromônio Facial Felino Sintético como o Feliway® também pode ser utilizado em todos os setores das clínicas veterinárias que atendem pacientes felinos. Diversos estudos comprovam que seu uso ajuda a controlar o estresse felino (PAGEAT; GAULTIER, 2003; PEREIRA *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2017) além de aumentar o interesse pela alimentação e pelo comportamento de *grooming* (GRIFFITH; STEIGERWALD; BUFFINGTON, 2000).

Diferentes tipos de sons, como por exemplo televisão, ventilador, telefone e latidos também levam à ansiedade e, desta forma, é importante proporcionar um ambiente silencioso e calmo para os pacientes, minimizando os ruídos que podem assustar o gato (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; MONROE-ALDRIDGE, 2019).

Um ambiente não muito iluminado pode ser benéfico também, assim como um ambiente climatizado pode diminuir o estresse (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

Se a clínica atender outros pacientes além dos felinos, é importante deixar um consultório exclusivo para os atendimentos dos gatos (RODAN *et al.*, 2011).

3.3.1 Manejo Amigável na Recepção da Clínica

Pensando na tranquilidade dos pacientes, uma recepção ou sala de espera exclusiva para os felinos seria a melhor opção (RODAN *et al.*, 2011; GERALDO Jr, 2021). No entanto, se isso não for possível, deve-se tentar diminuir a interação entre os animais presentes, criando uma barreira física, a fim de minimizar os sinais visuais. Desta forma, considere o uso de painéis, biombos ou plantas para criar áreas separadas para cães e gatos (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

Dispor de uma superfície elevada para manter as caixas de transporte dos felinos fora do chão (Figura 8), como bancadas e mesas, prateleiras ou até mesmo cadeiras podem ajudar a manter a tranquilidade dos felinos. Caso o tutor não tenha levado consigo, é importante fornecer

toalhas ou cobertores para cobrir as caixas de transporte, essa técnica fornece um esconderijo improvisado para o felino, além de evitar o contato visual entre os animais (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

Quando possível, o tempo de espera deve ser diminuído, agendando previamente as consultas e procedimentos. Ainda, se possível, as consultas de cães e gatos devem ser marcadas em horários ou dias diferentes, o que evita encontros indesejáveis entre pacientes dessas espécies (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016).

Figura 8 - Bancadas Elevadas na Recepção da Clínica para Colocação da Caixa de Transporte.



Fonte: Autor, 2021

3.3.2 Manejo Amigável no Consultório

Ao entrar com o felino no consultório, deve-se certificar de que todas as possibilidades de fuga estão fechadas (HERTEL, 2020).

Abrir a caixa de transporte e permitir que o paciente saia sozinho quando este se sentir seguro (Figura 9) é importante. Gatos são animais curiosos, deixá-lo livre para andar e explorar o consultório irá facilitar o contato e a interação entre paciente e médico veterinário (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016; THAYER, 2016; HERTEL, 2020; GERALDO Jr, 2021).

Figura 9 - Felino Saindo Sozinho da Caixa de Transporte no Consultório.



Fonte: Autor, 2021

Se o felino não se sentir seguro, ele não sairá por conta própria, nesse caso deve-se retirar cuidadosamente o teto e a porta da caixa de transporte e realizar o exame físico na parte inferior da caixa, ou ainda se a caixa não permitir a remoção da parte superior, pode ser útil um atrativo, como sachê de ração úmida ou um brinquedo para atrair o gato para fora. Sempre se deve recompensar os comportamentos positivos, pois incentiva o felino a relaxar. Do mesmo modo, deve-se ignorar os comportamentos negativos ao invés de tentar corrigir. Repreensão física ou uso de voz severa assustam e podem provocar uma resposta agressiva (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; HERTEL, 2020).

Se mesmo com todas as artimanhas, o felino não sair da caixa sozinho, e também não permitir ser examinado dentro da caixa, deve-se evitar a remoção forçada, como inclinar a caixa e nem chacoalhar na tentativa de o gato cair. Ele deve ser envolvido delicadamente pelo abdômen e membros pélvicos com uma toalha e deslizado suavemente ao redor dele para trazê-lo para fora da caixa, sempre tomando cuidado para que não ocorram acidentes. Essa técnica da toalha também é utilizada como primeiro recurso quando o animal está exibindo comportamento agressivo ou com medo, além de ser uma ótima opção para realizar punção venosa (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016; THAYER, 2016).

Durante a consulta, é importante que o tom de voz seja suave, mover-se com calma, minimizar gestos bruscos com as mãos, e evitar contato visual direto, principalmente para felinos medrosos, pois ele se sentirá ameaçado, uma vez que o perfil de presa nessa espécie

ainda é forte (RODAN *et al.*, 2011; BRUNT, 2016; RODAN, 2016; BRADSHAW, 2018; HERTEL, 2020). Certificar-se que todo o material, equipamento ou utensílio que será utilizado durante a consulta esteja no consultório, o que evita o “entra e sai” e minimiza os efeitos negativos de gestos e ruídos. O uso de uma balança digital de mesa também é recomendado, pois facilita o manejo (Figura 10) (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; THAYER, 2016;).

Figura 10 - Felino na Balança Digital.



Fonte: Autor, 2021

3.3.3 Manejo Amigável Durante o Exame Físico

Ao se aproximar do felino, deve-se ficar no mesmo nível que ele, aproximar-se pela lateral e não por cima (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016). Ao iniciar a manipulação, deve-se estar calmo, confiante e principalmente seguro que acidentes não irão acontecer. Uma abordagem apressada pode gerar ansiedade, agressividade e dificultar o exame físico (CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Caso o tutor se sinta à vontade, peça que ajude na manipulação, isso faz com que alguns gatos se sintam mais seguros. No entanto, se a sua presença deixar o gato mais agitado, peça educadamente para o tutor sair (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; GERALDO Jr, 2021).

O gato deve ser examinado onde se sentir mais confortável: isso pode ser na mesa, cadeira, no chão ou no seu colo, mantendo o felino sempre de frente para o tutor. Permitir que

o gato fique no local e na posição escolhida ajuda a reduzir o medo e outras emoções negativas (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016; THAYER, 2016; HERTEL, 2020).

Colocar toalhas, cobertores ou qualquer superfície antiderrapante onde será realizado o exame irá manter o local quente e confortável. Se possível, utilizar o mesmo trazido com o felino na caixa de transporte, é proveitoso porque o cheiro familiar que está na peça o deixará mais calmo (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; THAYER, 2016;).

Se o gato demonstrar resistência, apresentar sinais de estresse, ficar agitado ou com medo, deve-se interromper o exame e fazer uma pausa no manuseio, de forma a evitar que a excitação aumente. Caso o comportamento do gato demonstre dor, embora leve, forneça analgesia anteriormente ao exame físico (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016).

Utilize de termômetros de mensuração rápida e utensílios limpos (THAYER, 2016; GERALDO Jr, 2021).

3.3.3.1 Contenção Física

Evitar a contenção excessiva do gato é muito importante (CARNEY *et al.*, 2012). Se for necessário conter o felino para a realização do exame físico, envolva-o delicadamente em uma toalha (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; THAYER, 2016; HERTEL, 2020; GERALDO Jr, 2021).

Alguns utensílios estão disponíveis para ajudar no manuseio dos felinos agressivos, porém devem ser usados somente em animais não cooperativos e que necessitem de contenção mais firme.

Luvas usadas para contenção protegem as mãos e os braços da equipe veterinária, porém, como geralmente são feitas de couro rígido, podem não ser tão eficientes para controlar o movimento do gato quanto o uso de uma toalha, por exemplo, além do que podem conter odores de outros animais e estressar ainda mais o gato (RODAN *et al.*, 2011).

Redes devem ser usadas somente como última alternativa, como, por exemplo, se necessário pegar o gato agressivo e aplicar uma injeção para sedação rápida em uma emergência, ou, para capturar um gato solto. Deve-se ter em mente que o uso de uma toalha ou cobertor pode trazer o mesmo benefício e não estressar tanto o animal (RODAN *et al.*, 2011).

Focinheiras e bolsas para contenção, quando usadas de maneira correta, também são uma opção. A focinheira irá cobrir cabeça e os olhos do gato, o que reduzirá os estímulos

visuais, podendo fazer o animal se sentir mais seguro, da mesma forma o uso de uma toalha também é eficiente (RODAN *et al.*, 2011; BRUNT, 2016; RODAN, 2016). As bolsas projetadas para contenção de gatos permitem acesso ao membro torácico para acesso venoso da veia cefálica e espaço dorsolateral para injeções subcutâneas. Importante salientar que colocar o gato dentro da bolsa pode não ser uma tarefa fácil, podendo gerar mais estresse e agressões. Além do que, se apertar demais, pode gerar pânico no animal, do mesmo modo que se ficar folgada pode não ser eficiente a contenção. Mais uma vez, envolver o gato em uma toalha pode ser mais confortável e adequado (RODAN *et al.*, 2011).

Outra situação, infelizmente muito frequente ainda atualmente, é segurar o gato pela pele dorsal do pescoço, porém essa técnica não é bem tolerada pelos especialistas em felinos. A pressão exercida pode variar de um aperto suave até uma compressão mais agressiva, gerando dor. Desta forma, essa técnica nunca deve ser usada como um método rotineiro de contenção e deve ser usada apenas quando muito necessário e não há outra alternativa, como, por exemplo, para preservar a integridade do felino ou para a proteção física da equipe (RODAN *et al.*, 2011).

Técnicas que usam de manuseio suave são menos estressantes para os felinos, como mostra estudo de Moody *et al.* (2018), em que foram avaliadas respostas negativas de felinos hostis conforme o manuseio, comparando a contenção de corpo inteiro com a contenção passiva durante o exame físico. Como resultado, os felinos contidos de corpo inteiro tiveram um aumento na frequência respiratória (FR) e no diâmetro da pupila e mantiveram a orelha em posição de atenção por mais tempo quando comparados com gatos contidos passivamente.

Contenção mais agressiva aumenta a ansiedade do gato e faz com que o manuseio se torne ainda mais difícil. Desta forma, outras técnicas devem ser estudadas pelo médico veterinário, como, por exemplo, remarcar a consulta e passar informações ao tutor sobre o uso de fármacos para deixar o felino mais calmo, ou se necessário, realizar contenção química durante a consulta (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

3.3.3.2 Contenção Química

A contenção química procura reduzir o estresse do paciente e conseqüentemente trazer segurança para a equipe veterinária. Desse modo, quando necessário, deve-se utilizar a contenção química antes do animal apresentar agressividade, pois se o felino ficar muito agitado, a contenção química pode não ser confiável (RODAN *et al.*, 2011).

Quando necessária, a sedação é um recurso importante e pode trazer muitos benefícios,

como reduzir o estresse sofrido pelo felino, aumentar a segurança do manejo e da equipe, além de fazer parte de uma abordagem Cat Friendly (PERALTA, 2018).

Como primeira tentativa de sedação, com o animal ainda na caixinha ou na gaiola hospitalar, pode ser usada uma combinação de cetamina e detomidina por via oral (VO) sendo comprovada sua eficácia para sedar gatos. Quando o felino abrir a boca em sinal de agressividade, dispersa-se o líquido com a ajuda de uma seringa na mucosa oral (GROVE; RAMSAY, 2000).

Medicamentos administrados por via intramuscular (IM) ou subcutânea (SC) também são uma boa opção, pois seu uso requer menos contenção, e também podem ser administradas com o felino ainda dentro da caixa, através da porta (RODAN *et al.*, 2011).

Para isso, quando possível, escolha agentes reversíveis como, por exemplo dexmedetomidina, combinada com morfina (MOFFAT, 2008). Se necessário, adicionar um benzodiazepínico, como midazolam, o qual, além de ser reversível, tem efeito hipnótico, sedativo e relaxante muscular (EBNER *et al.*, 2007). Caso o felino ainda se mostre estressado, pode-se adicionar uma pequena quantidade de cetamina, porém somente em casos em que a combinação de dexmedetomidina, opioide e midazolam não tenha sido suficiente (RODAN *et al.*, 2011).

Por último, o uso de anestesia geral pode ser cogitado, caso a sedação não seja suficiente para realizar os procedimentos necessários (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

3.3.4 Manejo Amigável Durante a Colheita de Materiais Biológicos

Manter a sala tranquila e usar uma superfície antiderrapante na mesa auxilia no manejo. Se necessário, conter o paciente, o uso de uma toalha pode ser útil (Figuras 11 e 12).

Figura 11 - Contenção Com o Uso de Toalha para Colheita de Sangue da Veia Cefálica.



Fonte: Autor, 2021

Figura 12 - Contenção Com o Uso de Toalha para Colheita de Sangue da Veia Jugular.



Fonte: Autor, 2021

Uma conduta equivocada na colheita ou na realização de exames pode gerar uma resposta de estresse, complicando a avaliação clínica e o tratamento do paciente (CARNEY *et al.*, 2012; HERTEL, 2020; GERALDO Jr, 2021).

Os felinos, sob estresse, liberam hormônios na circulação sanguínea que alteram a

quantidade de células brancas do sangue, prejudicando a avaliação hematológica (FAM *et al.*, 2010; GERALDO Jr, 2021). O leucograma de estresse agudo em felinos é caracterizado por linfocitose e neutrofilia (LAURINO, 2009). Um estudo sobre alterações no leucograma de felinos concluiu que, adaptar consultórios para atendimento de felinos reduz alterações sanguíneas decorrentes do estresse (FAM *et al.*, 2010). Além disso, é comum o felino estressado apresentar hiperglicemia e hipertensão (LAURINO, 2009; CAMBOIM *et al.*, 2014; RAMOS, 2018; GERALDO Jr, 2021).

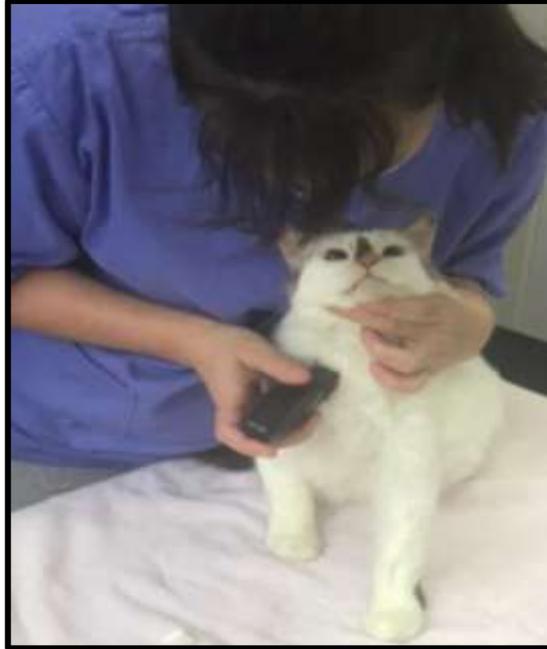
Com relação à colheita de sangue, punção venosa jugular, cefálica ou safena medial são indicadas para felinos. Colocar um cateter na veia safena medial pode ser uma boa opção para colheita de sangue, pois requer menos contenção, o que torna o procedimento mais confortável para o paciente (CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021) (Figura 13). Outro benefício é que alguns gatos possuem pouca quantidade de pelos nessa região, não sendo necessário muitas vezes realizar a tricotomia, tornando o procedimento mais rápido e menos estressante (CARNEY *et al.*, 2012). Contudo, se for necessário realizar tricotomia, deve-se usar uma máquina de tosa pequena e silenciosa (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012). O que muitas vezes é possível fazer com mínima contenção (Figura 14).

Figura 13 - Posicionamento para Colheita de Sangue da Veia Safena Medial.



Fonte: Autor, 2021

Figura 14 - Tricotomia para Colheita de Sangue com Máquina Pequena e Silenciosa.



Fonte: Autor, 2021

Para felinos que necessitam de um volume maior de sangue, o uso de *scalp* pode ser favorável, visto que evita múltiplas punções venosas, além de evitar colapamento das veias (CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016).

Para uma melhor e mais rápida realização do exame, deve haver micro tubos disponíveis (CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021).

Muitos gatos reagem negativamente à limpeza da pele antes da punção venosa com álcool, pois, além de odor forte e característico, traz uma sensação repentina de frio. Usar uma solução de clorexidine, ou solução fisiológica estéril aquecida pode ser melhor opção (CARNEY *et al.*, 2012).

Geralmente a cabeça e o pescoço são áreas que os felinos gostam de receber carinho, ao mesmo tempo, realizar esse ato gera uma contenção branda. Ao acariciar, é possível com os dedos controlar os movimentos da cabeça, como mordidas, por exemplo, que podem causar ferimentos. O ato de massagear entre os olhos, nas glândulas faciais produtoras de feromônios ou entre as orelhas traz relaxamento para o paciente enquanto se realiza procedimento como aferição de pressão arterial ou punção venosa (RODAN *et al.*, 2011; RODAN, 2016).

Para realizar procedimentos como punção venosa jugular ou cefálica, é aconselhável manter o felino na posição que este julgar mais confortável, assim como para a realização de cistocentese, que pode ser realizada com o felino em pé, ou em decúbito lateral (RODAN *et al.*,

2011; CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016), ou no colo do tutor, se o felino se sentir mais confortável (RODAN, 2016).

Se o felino não cooperar para a realização procedimento, deve-se considerar esperar um momento mais oportuno para realizar a colheita, ou até mesmo utilizar de contenção química, porém, deve sempre se considerar as alterações laboratoriais que cada fármaco pode causar (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

3.3.5 Manejo Amigável Durante a Internação

Durante a estada do felino na internação, é imprescindível que este fique aquecido, confortável, alimentado, limpo e, principalmente, se sinta seguro e protegido (CARNEY *et al.*, 2012; MONROE-ALDRIDGE, 2019).

Como visto anteriormente, o uso de Feromônio Facial Felino Sintético pode ser benéfico para gatos hospitalizados, fazendo com que haja um aumento na ingestão voluntária de alimento, assim como na higiene (GRIFFITH; STEIGERWALD; BUFFINGTON, 2000).

A gaiola hospitalar deve ser forrada com superfície quente e confortável, e ser grande o suficiente para acomodar todos os itens necessários, como caixa de areia e potes para alimentação, além de fornecer um lugar que sirva de esconderijo para o felino, podendo ser uma caixa de papelão, ou sua própria caixa de transporte (Figura 15). Oferecer um lugar de esconderijo é importante, pois transmite ao felino a sensação de segurança, o que o deixa mais seguro naquele ambiente desconhecido, facilitando o manuseio (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016).

Figura 15 - Modelo de Gaiola Hospitalar para Felinos.



Fonte: Autor, 2021

O ar condicionado do gatil deve ser regulado conforme a necessidade dos pacientes internados. Fornecer toalha ou cobertor e dispor de bolsas térmicas a felinos que precisam de temperatura ambiente mais alta, como em casos pós-cirúrgicos ou felinos pediátricos, também é importante (CARNEY *et al.*, 2012).

Manter outros animais fora da linha de visão, colocando uma toalha na frente da gaiola, por exemplo, pode ser benéfico, principalmente para gatos estressados. Do mesmo modo, reduzir a luz do gatil acalma os gatos medrosos e os encoraja a descansar (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012; BRUNT, 2016; RODAN, 2016).

Importante pedir ao tutor que traga algum item familiar, como cobertor, brinquedo e, sempre que possível, a caixa de areia e o granulado higiênico preferido do gato, assim como a própria ração, o que pode restabelecer uma rotina familiar, diminuir a ansiedade e a tensão do ambiente hospitalar (RODAN *et al.*, 2011; CARNEY *et al.*, 2012).

A escolha da caixa de areia na internação deve ser baseada no tamanho e na mobilidade do gato. Para animais em período pós-cirúrgico imediato, uma caixa alta pode prejudicar o acesso, por exemplo (CARNEY *et al.*, 2012).

No ambiente hospitalar, potes para alimentação rasa são melhores e facilitam a ingestão do alimento. Caso o felino não demonstre interesse, pode-se oferecer o alimento na palma da mão, como uma forma de aproximação e carinho. Nos alimentos úmidos, adições de caldo de

galinha ou suco de atum aumentam a palatabilidade do alimento, o que pode estimular o apetite (CARNEY *et al.*, 2012).

Após a alimentação, os potes devem ser retirados. Fornecer pequenas quantidades e não deixar alimento próximo a pacientes com náusea ou êmese são práticas relevantes (CARNEY *et al.*, 2012).

Dietas terapêuticas devem ser iniciadas somente na volta para casa e quando o apetite do felino estiver normal, evitando assim que o mesmo pegue aversão ao alimento no ambiente hospitalar (CARNEY *et al.*, 2012).

Sempre que possível, o estresse do paciente internado deve ser evitado, se for necessário o uso de colar elisabetano, deve-se dar preferência aos feitos de material macio, como os de tecido, ao invés dos de plástico. Do mesmo modo, ao realizar o acesso venoso no paciente, pode-se aplicar cremes anestésicos tópicos, como lidocaína, por exemplo, com o propósito de dessensibilizar a pele e facilitar a colocação do cateter e evitar estresse (CARNEY *et al.*, 2012; RODAN, 2016).

Outra situação induzida pelo estresse e /ou ansiedade em felinos é conhecida como “síndrome do jaleco branco”, em que ocorre aumento transitório da pressão arterial do paciente, podendo acarretar erros no diagnóstico (BELEW; BARLETT; BROWN, 1999; JURADO, 2020). O uso de fones de ouvido por parte do médico veterinário é recomendado, a fim de minimizar os ruídos causados pelo Doppler (RODAN, 2016).

Para aplicações de medicações IM ou SC, pode-se usar uma agulha mais grossa para aspirar o medicamento e trocar por uma com menor calibre para aplicar. O mesmo serve para realizar protocolos vacinais, principalmente em filhotes, usando sempre de reforço positivo (Richards, 2006 apud RODAN *et al.*, 2011).

Felinos com indicação de fluidoterapia SC, é recomendado aquecer a solução no micro-ondas ou em banho-maria antes da aplicação, pois diminui o desconforto causado pela solução (CARNEY *et al.*, 2012). Do mesmo modo, aqueles que necessitam frequentemente desta terapia como, por exemplo os doentes renais crônicos, pode ser feita a fixação de um cateter no subcutâneo, para aplicação do fluido, não somente durante a internação, mas também em casa pelo próprio tutor, evitando assim a necessidade de furar o animal com agulha ou *scalp* toda vez que necessária a aplicação (SPARKES, *et al.*, 2016).

Períodos fora da gaiola podem ser benéficos para felinos cooperativos, assim como interação positiva (escovar o pelo, acariciar e brincar com o felino) pode produzir uma sensação de bem-estar, melhorando a recuperação (CARNEY *et al.*, 2012).

Geralmente, os felinos tendem a esconder a dor em ambiente hospitalar e, dessa forma,

é importante saber identifica-la (RODAN, 2016; MONROE-ALDRIDGE, 2019). Um grupo de pesquisadores recentemente desenvolveu uma escala de caretas felinas (Feline Grimace Scale-FGS) com o intuito de avaliar expressões faciais de dor nesta espécie. Como resultado o FGS se mostrou uma ferramenta válida e confiável para avaliação da dor aguda em gatos (EVANGELISTA *et al.*, 2019).

Em outro trabalho realizado por Brondani *et al.*, (2012), em que se objetivou avaliar a validade e a responsabilidade de uma escala multidimensional para avaliação de dor pós-operatória em gatas submetidas a OHV, utilizaram-se critérios como comportamento, vocalização, apetite, pressão arterial, entre outros. Do mesmo modo, as diretrizes do American Animal Hospital Association (AAHA) e do AAFP de 2015 sobre manejo da dor de cães e gatos trazem evidências que as mudanças comportamentais são o principal indicador da melhora ou piora da dor nestas espécies (EPSTEIN *et al.*, 2015).

3.3.6 Práticas Integrativas e Complementares

Vários são os benefícios já conhecidos das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) em humanos, como musicoterapia, cromoterapia e Reiki no ambiente hospitalar (ALANDYDY; ALANDYDY, 1999; BULFONE *et al.*, 2009; SANTIAGO; MACEDO, 2009; CAMPOS; NAKASU, 2016).

Na medicina felina, estudos comprovam que a música pode diminuir os níveis de estresse dos felinos em ambiente hospitalar (MIRA *et al.*, 2016; HAMPTON *et al.*, 2020).

Com relação ao Reiki são poucos os trabalhos que comprovem o benefício em animais. Garé (2008) em sua dissertação de mestrado que mostrou o benefício do Reiki em reduzir os efeitos do processo inflamatório e o aumento da taxa de sobrevivência em ratinhos com tumor de Ehrlich. PACHECO, L. *et al.* (2021) realizou um estudo onde se concluiu que a terapia Reiki contribui na analgesia pós-operatória de cadelas submetidas a ovariectomia (OVH). Desta forma, vê-se a importância de realizar mais estudos voltados ao Reiki na medicina veterinária, principalmente na espécie felina.

A cromoterapia vem sendo cada vez mais apreciada pelos adeptos as PICs. Na medicina veterinária, esse método utiliza as cores para devolver o equilíbrio energético ao corpo do animal doente, podendo ser utilizado para diminuir a agressividade e agitação (BETAT, 2019), porém, assim como o Reiki, são necessários mais estudos que comprovem sua eficácia em animais.

3.4 MANEJO AMIGÁVEL NA VOLTA PARA CASA

A habilidade do tutor em fornecer cuidados de enfermagem no felino em casa é essencial para o resultado do tratamento. Desta forma, atitudes simples como fornecer acompanhamento domiciliar, mesmo que por telefone, tirar dúvidas e conversar com o tutor sobre qual a melhor forma para administração do medicamento e escolher dentre as formulações disponíveis a melhor, sempre considerando a preferência do felino e a habilidade do tutor, são essenciais. Por exemplo, se o tutor não tem experiência na administração de comprimidos, é preferível prescrever um fármaco líquido, do mesmo modo que o contrário também pode acontecer (CARNEY *et al.*, 2012, THAYER, 2016).

Deve-se informar o tutor sobre a importância de providenciar um esconderijo para o paciente, mantê-lo em silêncio em um espaço privado, mas de fácil acesso, e com todos os recursos necessários próximos. Importante também ser estabelecida pelo tutor uma rotina na administração de medicamentos ou cuidados de enfermagem, porém não se deve remover à força o felino do seu esconderijo para fazê-los (CARNEY *et al.*, 2012).

Quando o tutor tem mais de um felino, e somente um vai à clínica veterinária, é comum acontecerem agressões na volta para casa. Isso porque os gatos retornam com odores estranhos e/ou desconhecidos, fazendo com que os outros gatos não o reconheçam e o ataquem (RODAN *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021). Assim, deve-se aconselhar o tutor, ao chegar em casa, deixar o paciente por um tempo na caixa de transporte em um cômodo separado e não forçar a interação (RODAN *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021). Outra técnica que pode ser realizada nesses casos é esfregar uma toalha no corpo do gato que está em casa e em seguida no gato que está retornando, com o intuito de transferir o odor familiar e reduzir o conflito (RODAN, 2016).

Importante sempre manter contato com o tutor e estar a par do tratamento e recuperação do paciente. Com essa interação veterinário-tutor, muitos dos mitos que envolvem os cuidados veterinários vão se rompendo, beneficiando com isso o paciente felino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aumento da população felina, técnicas com o intuito de realizar um manejo mais amigável, foram criadas. A medicina felina é uma área de concentração na medicina veterinária com grande perspectiva de crescimento futuro. Desta forma, o médico veterinário, de uma maneira geral, precisa entender a importância de compreender o comportamento felino e a realização das práticas de manejo amigável, não somente no ambiente hospitalar, mas durante toda a vida do felino, de modo a reduzir o estresse e o medo nos pacientes, além de envolver o tutor e o médico veterinário, aumentando assim o número de atendimentos e a qualidade do serviço prestado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANDYDY, P.; ALANDYDY, K. Using Reiki to Support Surgical Patientes. **Journal of Nursing Care Quality**. USA. v.13, n.4, p.89-91. April 1999. DOI: <https://10.1097/00001786-199904000-00011>.

AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS. Bridgewater, 2021. Disponível em: <https://catvets.com/>. Acesso em: 02 de Maio de 2021.

BELEW, A.M.; BARLETT, T.; BROWN, S.A. Evaluation of the White-Coat Effect in Cats. **Journal of Veterinary Internal Medicine**. v.13, p.134-142. 1999.

BETAT, V.S. Cromoterapia é Usada Como Tratamento na Clínica Veterinária. **Net Vet News**. Ago. 2019. Disponível em: <https://netvetnews.com.br/post/Cromoterapia-e-usada-como-tratamento-na-clinica-veterinaria,95>. Acesso em: 05 de Maio de 2021.

BEZERRA, G. Cuidados Especiais. **Cães e Gatos**, São Paulo. p.46-48. Disponível em: <https://catvets.com/public/PDFs/AboutUs/Caes&Gatos.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2021.

BURNS, K. Creating the Cat Friendly Practice. **Jornal of the American Veterinary Medical Association**. Schaumburg, v.237, n.9, p.992-994, November 2010. DOI: <https://doi.org/10.2460/javma.237.9.990>.

BULFONE, T. *et al.* Effectiveness of Music Therapy for Anxiety Reduction in Women With Breast Cancer in Chemotherapy Treatment. **Holistic Nursing Practice**. v.23, n4, p.238-242. July 2009. DOI: <https://10.1097/HNP.0b013e3181aeceee>.

BOWEN, J. HEATH, S. An Overview of Feline Social Behaviour and Communication. In: **Behaviour Problems in Small Animals: Practice Advice for the Veterinary Team**. Philadelphia: Saunders, 2005: p.29- 31.

BRADSHAW, J. Normal Feline Behavior and Why Problem Behaviours Develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.20, n.5, p.411-421. April 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X18771203>.

BRONDANI, J.T. *et al.* Validade e Responsividade de uma Escala Multidimensional para Avaliação de Dor Pós-operatória em Gatos. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.** Belo Horizonte. v.64, n.6, p.1529-1538. Jul. 2012.

BRUNT, J.E. Abordagem do Atendimento a Gatos. In: LITTLE, S.E. **O Gato Medicina Interna**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 24-50, 2016.

CAMBOIM, A.S. *et al.* Hipertensão Arterial Sistêmica em Felinos Domésticos. **Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação.** Curitiba. v.12, n.41. 2014.

CAMPOS, L.F.; NAKASU, M.V. Efeitos da Utilização da Música no Ambiente Hospitalar: Revisão Sistemática. **Revista Sonora.** São Paulo. v.6, n.11. 2016.

CARNEY, H.C. *et al.* AAFP and ISFM Feline-Friendly Nursing Care Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery.** v.14, n.5, p.337-349,. April 2012. DOI: <https://10.1177/1098612X12445002>.

EBNER, J. *et al.* Partial Antagonization of Midazolam-Medetomidine-Ketamine in Cats- Atipamezole Versus Combined Atipamezole and Flumazenil. **Journal of Veterinary Medicine Series A.** v.54, n.9, p.518-521. Nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1439-0442.2007.00971.x>.

EPSTEIN, M. *et al.* 2015 AAHA/AAFP Pain Management Guidelines for Dogs and Cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery.** v.17, n.3, p.251-272. March 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X15572062>.

EVANGELISTA, M.C. *et al.* Facial Expressions of Pain in Cats: the Developmente and Validation of a Feline Grimace Scale. **Scientific Reports.** v.9, n.19128. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-019-55693-8>.

FAM, A.L.D´A. *et al.* Alterações no Leucograma de Felinos Domésticos (Felis Catus) Decorrentes de Estresse Agudo e Crônico. **Rev. Acad. Ciênc. Agrár.** Curitiba. v.8, n.3, p.299-

306. Jul. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/cienciaanimal.v8i3.10898>.

GARÉ R.R. **Efeitos do Reiki na Evolução do Granuloma Induzido Através da Inoculação de BCG em Hamsters e do Tumor Ascístico de Ehrlich Induzido em Camundongo**. 2008. Dissertação (Programa de PósGraduação em Patologia Experimental e Comparada) Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, 2008.

GERALDO Jr. C.A. Atendimento Cat Friendly. **Zoetis Brasil**. Jan.2021. Disponível em: <https://www.zoetis.com.br/prevencaocaesegatos/posts/gatos/atendimento-cat-friendly.aspx#:~:text=Caso%20o%20estresse%20n%C3%A3o%20seja,2%20horas%20antes%20da%20consulta>. Acesso em: 04 de maio de 2021.

GRIFFITH, C.A.; STEIGERWALD, E.S.; BUFFINGTON, T. Effects of a Synthetic Facial Pheromone on Behavior of Cats. **Journal of the American Veterinary Medical Association**. Schaumburg, v.217, n.8, p.1154-1156. Oct. 2000. DOI: <https://doi.org/10.2460/javma.2000.217.1154>.

GROVE, D.M.; RAMSAY, E.C. Sedative and Physiologic Effects of Orally Administered α_2 -adrenoceptor Agonists and Ketamine in cats. **Journal of the American Veterinary Medical Association**. Schaumburg, v.216, n.12, p.1929-1932. June 2000.

HAMPTON, A. *et al.* Effects of Music on Behavior and Physiological Stress Response of Domestic Cats in a Veterinary Clinic. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.22, n.2, p.122-128. Febr. 2020.

HERTEL, L.B. Fear Free and Feline Friendly Handling. **Veteduka**. Jan. 2020. Disponível em: <https://veteduka.com.br/fear-free-e-feline-friendly-handling/>. Acesso em: 04 de maio de 2021.

HICKMAN, M.A. *et al.* Safety, Pharmacokinetics and Use of the Novel NK-1 Receptor Antagonist Maropitant (Cerenia TM) for the Prevention of Emesis and Motion Sickness in Cats. **Journal of Veterinary Pharmacology and Therapeutics**. USA, v.31, n.3, p.220-229. June 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2885.2008.00952.x>.

INTERNATIONAL SOCIETY OF FELINE. England and Wales, 2021. Disponível em:

<https://icatcare.org/veterinary/isfm/>. Acesso em: 02 de Maio de 2021.

JURADO, G.B. **Hipertensão Arterial Sistêmica: Repercussão e Diagnóstico**. 2020. Monografia (Trabalho Conclusão de Curso), Faculdade de Medicina Veterinária, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2020.

LAURINO, F. **Alterações Hematológicas em Cães e Gatos Sob Estresse**. 2009. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária) Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, 2009.

LEY, M.L.; SEKSEL, K. Comportamento Normal de Gatos. In: LITTLE, S.E. **O Gato Medicina Interna**, 1^a ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 281-289, 2016.

MIRA, F. *et al.* Influence of Music and Its Genres on Respiratory Rate and Pupil Diameter Variations in Cats Under General Anaesthesia: Contribution to Promoting Patient Safety. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.18, n.2, p.150-159. Febr. 2016.

MOODY, C.M. *et al.* Can You Handle it? Validating Negative Responses to Restraint in Cats. **Applied Animal Behaviour Science**, v.204, p.94-100. July 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2018.04.012>.

MONROE-ALDRIDGE, P. The Cat Friendly Practice Program. **Veterinary in Focus**. v.29, n.1, Mar. 2019. Disponível em: <https://www.ivis.org/library/veterinary-focus/kittens-and-young-cats-veterinary-focus-vol-291-mar-2019/cat-friendly-practice-program>.

MOFFAT, K. Addressing Canine and Feline Aggression in the Veterinary Clinic. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**. v.38, n.5, p.983-1003. Sep. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2008.04.007>.

OVERALL, K.L. *et al.*, Feline Behavior Guidelines From the American Association of Feline Practitioners. **Journal of the American Veterinary Medical Association**. v.227, n.1, p.70-84. 2005. DOI: <https://doi.org/10.2460/javma.2005.227.70>.

PACHECO, L. *et al.* Postoperative Analgesic Effects of Reiki Therapy in Bitches Undergoing

Ovariohysterectomy. *Ciência Rural*, Santa Maria. v.51, n.10. 2021. DOI: <http://doi.org/10.1590/0103-8478cr20200511>.

PAGEAT, P.; GAULTIER, E. Current Research in Canine and Feline Pheromones. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**. v.33, n.2, p.187-211. Mar.2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0195-5616\(02\)00128-6](https://doi.org/10.1016/S0195-5616(02)00128-6).

PANKRATZ, K.E. *et al.* Use of Single-dose Oral Gabapentin to Attenuate Fear Responses in Cage-trap Confined Community Cats: a Double-blind, Placebo-Controlled Field Trial. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.20, n.6, p.535-543. July 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X17719399>.

PERALTA, C.P. **Sedação em Felinos Domésticos: Uma Revisão de Literatura**. 2018. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária) Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PEREIRA, J.S. *et al.* Improving the Feline Veterinary Consultation: the Usefulness of Feliway Spray in Reducing Cat's Stress. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.18, n.12, p.959-964. Dec. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X15599420>.

RAMOS, M. **Indicadores de Estresse em Gatos**. 2018 Relatório (Disciplina de Fundamentos Bioquímicos dos Transtornos Metabólicos) Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

RICHARDS, J.R. *et al.*, The 2006 American Association of Feline Practitioners Feline Vaccine Advisory Panel Report. **Journal of the American Veterinary Medical Association**. v.229, n.9, p.1405-1441. Nov. 2006.

RODAN, I. *et al.* AAFF and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.13, n.5, p.364-375. May 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2011.03.012>.

RODAN, I. Compreensão e Manuseio Amigoso dos Gatos. In: LITTLE, S.E. **O Gato Medicina Interna**, 1^a ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 24-50, 2016.

SANTIAGO, V.F.; DUARTE, D.A.; MACEDO, A.F. O Impacto da Cromoterapia no Comportamento do Paciente Odontopediátrico. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. v.11, n.4, p.17-21.2009.

SEDLACEK, H.S. *et al.* Comparative Efficacy of Maropitant and Selected Drugs in Preventing Emesis Induced by Centrally or Peripherally Acting Emetogens in Dogs. **Journal of Veterinary Pharmacology and Therapeutics**, USA. v.31, n.6, p.533-537. Nov. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2885.2008.00991.x>.

SOUSA, M.G. *et al.* Uso da Fluoxetina no Tratamento da Tricotilomania Felina. **Ciência Rural**. Santa Maria. v.34, n.3, p.917-920. May 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782004000300040>.

SIAO, K.T.; PYPENDOP, B.H.; IIKIW, J.E. Pharmacokinetics of Gabapentin in Cats. **American Journal of Veterinary Research**. v.71, n.7, p.817-821. July 2010. DOI: <https://doi.org/10.2460/ajvr.71.7.817>.

SILVA, B.P.L. *et al.* Efeito do Análogo Sintético do Feromônio Facial Felino Sobre o Nível de Cortisol Salivar de Gatos Domésticos. **Pesq. Vet. Bras.** Rio de Janeiro, v.37, n.3, p.287-290. Mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0100-736x2017000300013>.

SPARKES, A. Developing Cat-Friendly Clinics. **In Practice**. England, v.35, n.4, p.212-215, April 2013. DOI: <https://doi.org/10.1136/inp.f1437>.

SPARKES, A.H. *et al.*, ISFM Consensus Guideline on the Diagnosis and Management of feline Chronic Kidney Disease. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.18, n.3, p.219-239. Mar. 2016.

SPARKES, A. MANLEY, D.S. From Small Acorns... the New Cat Friendly Clinic/Cat Friendly Practice Programmes. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.14, n. 3, p.180-181, Mar. 2012. DOI: <https://10.1177/1098612X12439264>.

TEIXEIRA, E.P. **Desvios Comportamentais nas Espécies Canina e Felina: Panorama**

Actual e Discussão de Casos Clínicos. 2009. Dissertação (Mestrado em Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais) Faculdade de Medicina Veterinária, Faculdade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

TENNYSON, B.; BRUNT, J.; NAHAMA, A. Executive Summary of the Catalyst Council`s Cat-Friendly Practice Makeover Study. **Journal of the American Veterinary Medical Association.** Schaumburg, v.241, n.1, p.58-62. July 2012. DOI: <https://doi.org/10.2460/javma.241.1.58>.

THAYER, V. Como Decifrar o Gato: Histórico Clínico e Exames Físico. In: LITTLE, S.E. **O Gato Medicina Interna**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 24-50, 2016.